

Para citar: Novinsky, Ilana Waingort e outros – *Repensando o feminino: A intrincada relação entre mães e filhas*. Publicado in Boletim – Formação em Psicanálise ano XI, vol. XI, no. 1/2 Janeiro/ Dezembro 2003, Sedes Sapientiae, São Paulo, pp.92-101.

**Repensando o feminino:
A intrincada relação entre mães e filhas¹**

Iara Czeresnia
Ilana Novinsky
Joyce Brumer
Monica Mehler
Renata Aleotti
Silvia Lobo²

Resumo: Neste trabalho, procuramos pensar a especificidade do desenvolvimento do feminino a partir da intrincada trama da ligação entre mães e filhas, matriz a nosso ver, por excelência das vicissitudes e sortilégios da feminilidade. Os inúmeros conflitos gerados na tentativa de separar-se da mãe ao mesmo tempo em que a menina e a mulher vivem uma intensa e permanente identificação com ela, dão origem a experiências especificamente femininas, que permearão e determinarão o seu desenvolvimento ao longo de toda a vida. Trata-se, então, de uma contínua oscilação entre aproximar-se e distanciar-se da figura materna, explicitados nos momentos críticos da vida da mulher: menarca, maternidade, menopausa e envelhecimento. Pensamos, portanto, que o intenso e permanente vínculo com a figura materna, real e fantasiada, externa e interna, assim como os intensos afetos de amor e ódio que regam permanentemente esta relação são determinantes da especificidade da maneira de viver da mulher, tanto na sua relação com o masculino e nas suas relações com autoridade e poder, quanto nas possibilidades de desenvolvimento de sua criatividade, seja ela sexual, afetiva ou intelectual. Utilizamos para pensar estas questões, exemplos da nossa clínica e a literatura disponível sobre as questões femininas (homossexualidade, questão transgeracional, etc.) questões que vêm sendo revistas por muitos analistas, em sua grande maioria mulheres, e que têm mostrado a necessidade de se repensar as ideias sobre o desenvolvimento feminino a partir de novos paradigmas.

Palavras chaves : feminilidade, relação mães e filhas, questão transgeracional, homossexualidade feminina, corpo, conflito, réverie.

¹ Trabalho apresentado no II Diálogo Intergeracional entre Mulheres Analistas, organizado pela COWAP (Comitê para Pesquisa sobre Mulher) da IPA (International Psychoanalytical Association) –Monterrey-Mexico, Janeiro de 2001 e no XVIII Congresso Brasileiro de Psicanálise da Associação Brasileira de Psicanálise, São Paulo, Setembro de 2001. Publicado in Boletim – Formação em Psicanálise ano XI, vol. XI, no. 1/2 Janeiro/ Dezembro 2003, Sedes Sapientiae, p.92-101.

² Membros da SBPSP (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo).

Abstract: *This paper examines the specificity of the feminine development that evolves from the intricate web of connections between mothers and daughters. In our point of view, the web represents a matrix of vicissitudes and sortileges of femininity. The countless conflicts are generated in a first moment by the reality of the daughter living part of her life separated from her mother while at the same time living at least an equal part of her life in an intense and permanent identification with the mother. This push and pull, ebb and tide, gives rise to specific feminine experiences that will shape the daughter's personality and will continue to determine her development during her whole life. So, there is an enduring oscilation between the daughter becoming a close approximation of the mother and a moving away from the mother figure, and this swing is most pronounced at the critical moments of every woman's life: menstruation, maternity, menopause and when old age is finally acknowledged. We think that the intense and permanent link with the mother figure, real and fantasized, external and internal, together with the intense effects of love and hate that nourish permanently this relationship are determinants of the specific way women function in their relationships with the masculine and their relationships with authority and power, as well as crucial to the development possibilities of creativity, sexuality and intellect.*

Key-words: *Femininity, relationship between mother and daughter, transfer between generation, feminine homosexuality, body, conflict, reverie.*

**Repensando o Feminino:
a intrincada relação entre mães e filhas**

“Uma mãe e uma filha... que
terrível combinação de sentimentos”

Ingmar Bergman

Sonata de Outono

A dinâmica da relação mãe-filha deve ser pensada como estruturante da feminilidade, compreendida aqui como a inter-relação entre as experiências psíquicas e corporais vividas pela mulher e suas relações de objeto.

A partir da intrincada³ ligação entre mães e filhas, matriz de vicissitudes e sortilégios, as meninas fazem-se femininas. Recebem a feminilidade como herança, através de uma delicada e sutil transmissão de geração a geração de mulheres, avós e mães, que passam ingênuas e ignorantes por esta função de configurar mulheres mais jovens, filhas. Assim, muitas vezes, repetem o que e como viveram com suas mães: os desencontros, as intrusões, as mutilações, cometidas na inocência dos efeitos e na incoseqüência das dores infringidas.

Phyllis Grosskurth na biografia de Melanie Klein, comenta que é extraordinário que aos 70 anos Klein escreveria:

*"minha relação com minha mãe foi um dos grandes atrasos de minha vida. Eu a amava profundamente, admirava sua beleza, seu intelecto, seu profundo desejo pelo conhecimento, sem dúvida com alguma inveja, que existe em todas as filhas".*⁴

Klein reconhece a atitude ambivalente que tinha em relação a sua mãe, a tirana Libussa, e que ela repetiria com sua única filha mulher, Melitta.

O trabalho analítico tem permitido iluminar este tipo de percalço que se abate sobre sonhos de crescimento e de identidade.

Como diz M. Buber:

“Exijo um Tu, para vir a ser; vindo a ser Eu, eu digo Tu.”⁵

. Há uma fina interseção entre mães e filhas, que é fundamental para a constituição de ambas. Os percalços nesta relação criam um vazio significativo, uma espécie de orfandade psíquica, recíproca, que elimina possíveis vítimas ou algozes. Não há culpadas. Há dores, seja da filha que teve uma mãe que não a viu, seja da mãe que teve uma filha que não pôde ver. Desencontro, a um só tempo, previsível e trágico.

³ Intrincada: do lat. Intricatu, adj. Obscura, confusa, enredada, emaranhada, custosa de perceber, embaraçada, complicada. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Ed.Nova Fronteira, 1986, pag. 962.

⁴ Grosskurth,P. – *O Mundo e a Obra de Melanie Klein*, Ed.Imago, Rio de Janeiro,1992,pa.71.

⁵ Buber, M. – *I and Thou*. Scribner, N.Y. 1970. (tradução nossa)

Consideramos que só há corpo em relação, construído através da intersubjetividade, tendo sempre uma história psíquica que se inicia no relacionamento com o mundo humanizado através do cuidado materno. O corpo da mãe libidiniza a pele do bebê. Crucial, portanto para o desenvolvimento, especialmente da menina, é a relação da mãe com o seu próprio corpo e sua sexualidade.

Assim, é a mãe que apresenta a sexualidade à filha, e é também ela que pode demonstrar o prazer e o desfrute que a sexualidade traz. A sensualidade, entendida como a integração corporal e afetiva, na vida adulta, segue muito de perto a marca desta primeira ligação.

Contudo, pode acontecer que as mães não se sentindo a vontade em seus corpos projetem esse desconforto sobre o corpo de suas filhas. O acompanhamento de mulheres na clínica psicanalítica nos fornecem abundantes exemplos da complexidade dessa linha sucessória do prazer e da sensualidade feminina.

“Minha mãe tem astigmatismo... Nunca me vê como realmente sou”.(Marina, 22 anos)

Muitas vezes, a mãe não pode reconhecer a sexualidade da filha por não ter sido encorajada por sua própria mãe, perpetuando a ausência de sentimentos e sensações corporais, que ficam sem registro e sem história.

Se balbuciar é o precursor da fala.

Se engatinhar é o precursor do andar.

A relação corporal e afetiva com a mãe é a precursora da sexualidade na vida da menina. Através do gozo de seu corpo a mulher vive sua especificidade.

O desenvolvimento da feminilidade depende de dois fatores: a relação homossexual inicial com a mãe e sua identificação com ela. Com esta combinação encontramos a menina duplamente atada à sua mãe.

A relação homossexual com a mãe

A noção de homossexualidade primária já aparece nos trabalhos de Freud quando fala da relação do bebê com sua mãe. Em seu trabalho de 1920 sobre a “Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” postula a existência de um investimento homossexual presente na organização psíquica de cada um de nós.

“A psicanálise pôde estabelecer que todos os indivíduos sejam capazes de escolher um objeto do mesmo sexo e que todos fizeram esta escolha em seu inconsciente. Podemos até afirmar que os sentimentos eróticos que se ligam a pessoas do mesmo sexo desempenham na vida psíquica normal um papel tão importante quanto os sentimentos que se ligam ao outro sexo”...⁶

No entanto, parece que pouco se compreendeu até agora sobre a homossexualidade feminina como componente normal e determinante da organização psíquica da mulher⁷.

“O prazer das trocas que se vive na intimidade corporal da mãe com seu bebê; a doçura do pele a pele, a maciez de um berço, a emoção de um carinho, a música das palavras são, portanto marcas indelévels que inscrevem no corpo do bebê as raízes de um prazer sensual”.⁸

Em princípio, as mães adequadas dispensam esta bagagem preciosa aos bebês dos dois sexos. Tudo indica que os gestos da mãe estão precocemente impregnados do investimento sexuado dirigido à criança e das fantasias que o acompanham. Assim, o diálogo corporal é regido pela “capacidade de rêverie” (não seria bom explicar em vez de usar o jargão?) da mãe, imprimindo uma matriz à organização psíquica da criança.

⁶ Freud, S. – “A Psicogênese de um caso de Homossexualismo numa Mulher”, 1920, *Stand.Ed.* vol. XVIII, Ed. Imago, R.J., 1976.

⁷ Entre os psicanalistas que se ocuparam desta questão, está Joyce McDougall – “A Homossexualidade Feminina”, in *A Sexualidade Feminina*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1975

⁸ Godfrind, J. – “De mère en fille: à la recherche du plaisir”, in *Rer. Franç.Psychanal.*, 1/1990, pag.85. (tradução nossa)

O desdobramento da aproximação amorosa com a mãe contribui para o destino sublimatório dos investimentos homossexuais. A qualidade do encontro homossexual dá acesso, portanto, à feminilidade e prepara para a heterossexualidade.

Quanto à identificação

A semelhança física dos corpos femininos pode criar na mãe a ilusão que a menina é conhecida e previsível, podendo provocar assim o seu encantamento ou seu rechaço. O amor da mãe pela menina vem junto com o temor da confusão de identidades e a dificuldade, ou impossibilidade, de separação. A menina, por sua vez, parece ter desejos contraditórios, por um lado anseia pelo desenvolvimento de uma identidade separada e uma sexualidade própria, por outro insiste na unidade com sua mãe. Se mãe e filha são incapazes de resolver este dilema podem permanecer num estado de ilusão simbiótica como proposto por Halberstadt-Freud.⁹

*“Mamãe apega-se a mim. Vagamente murmura que perdeu sua menininha. Da vida que só lhe ofereceu dores e asperezas, ela esperava uma única compensação e nem isso teve... Há momentos em que no horror do padecimento que estou causando à mãe que amo além das palavras, acho que estou louca... E mamãe vê em nossa separação apenas a ruína de todos os seus sonhos, esperanças, de sua própria vida”.*¹⁰

Uma mulher que ao engravidar ainda está ela própria pouco separada de sua mãe pode sentir-se como se a carregasse em seu útero ou alternativamente, pode imaginar-se novamente dentro de sua mãe. Pode ter também expectativas de que um bebê-menina realize seu desejo de renascer mais linda e bem sucedida. Além disso, com um bebê-menina ela re-experimenta mais vivamente a sua história em relação à sua mãe, revivendo a menina que foi e a mãe que teve. Por outro lado, a mãe oferece à menina através da identificação uma experiência de mulher que pode representar ou não suas potencialidades.

⁹ Halberstadt-Freud, H. C. – “Electra in Bondage”, in *Free Associations*, 17: 58.

¹⁰ Nin, Anais – *Journal of a Wife*, Swallow Press, 1966. (tradução nossa)

O terror e o prazer de tal relação, que provocam atração e repúdio, disputam, cada um a seu modo, o primeiro lugar em cena. Mãe e filha vivem esta experiência intensa e profundamente, como se fosse uma dança há muito tempo ensaiada. Em uma dinâmica contínua, onde a progressão e a regressão alternam-se e cada passo à frente é ameaçado por uma tendência a voltar a padrões antigos.

Na fase pré-ediapiana pode-se notar como a ambivalência, inerente em sua relação com a mãe, coloca a menina em um dilema doloroso: embora queira a independência em relação à mãe, simultaneamente sente e age de acordo com uma forte necessidade de dependência. Enfrenta conflitos muito sérios com a mãe, onde temores de ser destruída por inveja, ciúmes ou medo de retaliação somam-se ao temor de ser incorporada e desaparecer novamente dentro de sua mãe, seja por desejo de retomada da fusão original, por intensa identificação ou medo de separação. Esta complexa rede de emoções pode levar tanto ao aumento da tendência por parte da filha de suprimir sua própria agressão, como ao aumento da agressividade. Através da violência protege-se da ameaça que a mãe representa, seja real ou imaginária.

A menina defronta-se com a tarefa de competir com sua mãe pelo amor de seu pai na fase edipiana e isso a coloca novamente em uma situação espinhosa: torna-se inesperadamente uma rival do objeto cujo amor e suporte ela precisa tanto. A menina precisa dar conta, no caminho do desenvolvimento de sua feminilidade, mais do que da mudança de objeto, da criação de novas e diferentes tendências libidinosas voltadas agora à relação com o pai. A mãe parece manter sua posição de importância na realidade psíquica da filha, como seu primeiro objeto de amor, mas o pai cresce em seu mundo interno pelo que ele tem a oferecer: uma outra chance. A menina parece buscar nele o que não pode ser obtido na relação com a mãe: um olhar amoroso onde o jogo identificatório pode se fazer com menos ambivalência.

Deste modo, as mulheres permanecem ligadas às suas mães ao longo da vida e expressam muitas vezes em novas parcerias, inclusive com homens, as marcas da primeira relação.

“... Tenho um companheiro há cinco anos que confundiu-me pedindo “um tempo “. Vivíamos em perfeita harmonia, sob o abrigo de uma grande colcha que de repente, sem explicação, me foi arrancada. Me dou conta nesse momento que a colcha era o meu lar. Sem ela não tenho onde parar nem onde ir. Estou vulnerável, exposta, insuficiente. Não sei o que pensar, o que escolher, o que decidir. Só tenho uma certeza: quero de volta minha vida, enrolada na colcha com ele. Fora dela nada tenho, nada significo, nada sou.” (Maria, 40 anos)

Entretanto, ainda que este vínculo da menina com a sua mãe se faça presente em momentos cruciais da existência feminina, exigindo elaboração no embaraço de seus fios, ele pode igualmente mostrar-se muito estimulante, íntimo e prazeroso. Na medida que estas duas mulheres têm muito em comum, seu relacionamento pode ser fértil e positivo, desde que a inveja e o narcisismo maternos não se coloquem no caminho da filha. Espera-se que a mãe tenha vida própria, desfrute de sua sexualidade, usufrua de seu corpo adulto e da relação com o homem, e possa assim oferecer à menina um objeto satisfatório para internalizar e com o qual identificar-se. Que ofereça também, a esperança do crescimento e da busca de um destino próprio ao não necessitar que sua filha seja instrumento de realização de desejos que são seus e não dela... Possa assim transmitir sua alegria de viver e ser capaz de encorajar e guiar sua filha em direção à autonomia.

Quando esta experiência se dá de forma favorável, permite a criação de uma história: a separação é buscada, pois partir é a chance de renascer. Tudo isto implica em dor, mas não em angústia, que existe quando a tentativa de guardar o outro dentro de si não se efetiva.

Na medida que as mulheres reproduzem-se a si mesmas, o sucesso e o fracasso na separação são transmitidos de uma geração para a outra.

O caminho das gerações

“A minha avó é carinhosa, bem fofinha e bem gostosa. Quando a Sara se levanta, me acorda e logo canta: bem-te-vi, bem-te-vi, o som do grilo é cri cri cri.

Ela tem um violão do tamanho da minha mão, que na hora de dormir ela toca e vem aqui. Bem-te-vi, bem-te-vi, tá na hora de dormir". ("Minha Vovó Sara"- Poema da neta de 10 anos de idade.)

Observar gerações sucessivas de mulheres, nos faz pensar que cada momento de suas vidas pode levá-las ou não, a elaborar a experiência vivida com suas mães. É um processo sem fim. As netas aparecem assim como herdeiras de uma relação que as antecedeu, às vezes por gerações e sem consciência disso.

As avós são, antes e acima de tudo, mulheres. Dentro de sua condição e de sua história pessoal, humanas que são, vivem o que podem e dão o que têm, de modo próprio, singular. Contudo na poesia de Nadia, a avó e a neta desfrutam de um encontro muito especial marcado pela intimidade, sendo que o bem-te-vi é a expressão de duas mulheres que puderam ver -se e declarar amor, uma à outra, com a redução do medo do confronto ou do risco da simbiose.

A avó tem a chance de recuperar através de sua neta a menina que um dia ela foi e livre da responsabilidade de educar, pode brincar com ela e acariciá-la. A neta, por sua vez, pode perceber em sua avó o carinho e o amor que sua mãe teve dificuldade em lhe oferecer. Como nos conta Simone, paciente de 33 anos de idade:

"A minha doce e querida avó, que até o nome era bonito, Vó Linda. Ela costumava contar sobre o meu nascimento, quando viu meus bracinhos finos e compridos saírem. Era capaz de repetir esta mesma história tantas vezes eu fosse capaz de perguntar-lhe. Sentia-me muito amada e protegida por essa avó. O mais estranho era que Vó Linda era mãe da minha mãe e entre elas tudo se passara de modo muito diferente. Minha mãe sempre se queixou da mãe que teve, dizendo que nunca ligou para ela e que quando eu estava para nascer, durante o trabalho de parto, Vó Linda dormia o tempo todo".

Conclusão

A teoria psicanalítica clássica, em diversos momentos, condiciona o desenvolvimento da mulher adulta a quatro mudanças básicas: de objetivo sexual, do clitóris para a vagina; de objeto, da mãe para o pai; de identidade de gênero, de menino para menina e de atitude, de ativa para passiva.

Pensamos que a mulher não realiza estas mudanças radicalmente. Seu amadurecimento passa pela incorporação de novas possibilidades às antigas, estabelecidas, sobretudo na ligação pré-edípica. A adição da heterossexualidade à homossexualidade ilustra este ponto de vista.

As meninas estruturam-se a partir da ligação que estabelecem com as mães. Este vínculo é uma referência fundamental para quase todas as relações significativas experimentadas ao longo da vida. Mães e filhas estão ligadas para sempre, seja através de suas fantasias inconscientes ou de suas experiências concretas. O significado desta relação pode se modificar, a interdependência se transformar, o desenvolvimento emocional se dar e, ainda assim, a ligação permanece.

A experiência clínica nos permite perceber que não há a priori uma feminilidade, um ser mulher, mas sim uma busca incansável e ininterrupta do vir a ser, em um contexto social, cultural e historicamente determinado.

Na prática clínica psicanalítica, a transferência e a contra-transferência entre analistas e pacientes mulheres podem ter efeitos importantes para ambas as participantes deste processo: tanto o ódio quanto o profundo amor pela mãe precisam ser elaborados. Isto significa que tanto o tabu do amor homossexual, quanto os estereótipos sobre a agressividade da mulher têm na relação analítica a chance de serem dimensionados e transformados.

A função do pai é ser depositário dos primeiros desejos heterossexuais da menina, que mais tarde buscará sua realização com outro parceiro. Compete a ele também, apresentar-se como objeto de identificação e aliado fundamental em sua função de

introduzir-se nesta íntima parceria entre mulheres, no sentido de ajudá-las a se separarem.

Ao longo de seu crescimento a menina estende parte do amor pela mãe para o homem, condição que lhe permite despontar como mulher sendo homossexual, heterossexual, ao e nesta perspectiva, assimétrica em relação desenvolvimento seguido pelo menino. Deste modo firma sua singularidade.

Deste ponto de vista, não é possível o amadurecimento da mulher, sem passar pela aceitação da mãe como objeto de desejo. O que se coloca como grande desafio neste caminho, é a elaboração deste primeiro amor, configurando-o como precioso e tanático a um só tempo. Desta ligação não se renuncia, tendo ela cumprido ou não, sua função especular e constitutiva da feminilidade.

Esta experiência nos encoraja a prosseguir no trajeto de entender o que se passa na constituição da feminilidade, à luz do que aqui foi apresentado.

BIBLIOGRAFIA

Chodorow, Nancy (1978) *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*. Berkeley University, California Press.

Eelig, Beth (2000) "Therape of Medusa in Athena's temple"(paper not published).

Ferreira, Aurélio B. De H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, 1986, p.962.

Freud, Sigmund (1905) "Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade". In *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1989, vol. VII, p. 136 (nota de rodapé 1)

Goodfrind, J. (1990) "De mère en fille: à la recherche du plaisir", *Revue Française de Psychanalyse*, 1/ 1990.

Halberstad-Freud, H. (1989) Electra cativa: sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as consequências para o complexo de Édipo”, *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35 (1): 143-168, 2001.

Kulish, N. & Holtzman, D (1968) “Persephone, the loss of verginity and the female Oedipal complex”, *International Psycho-Anal.* 79: 57-71.

Nin, Anais - *Journal of a Wife*, Swallow Press, 1966.

Publicado in **Boletim – Formação em Psicanálise** Ano XI Vol. XI no.1/2 Janeiro/Dezembro 2003. Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Pag. 92-101.